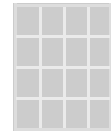


BASTIDORES

MLGTS entre os gigantes
num ano quente
de M&A em Portugal



M&A

MLGTS entre as gigantes

Venda da Naturgas pela EDP por 2.500 milhões catapultou escritórios internacionais no topo do ranking da M&A. Mas há sociedades portuguesas em destaque, como a MLGTS, a Cuatrecasas e a Uría Menéndez-Proença de Carvalho.

Por ALBERTO TEIXEIRA

O mercado de fusões e aquisições em Portugal vive momentos exuberantes por estes dias, mas Eduardo Paulino conta como ainda há um ano tudo era diferente. No final de 2016, os investidores receavam um novo resgate e “queriam ter algum tipo de salvaguarda se alguma coisa corresse mal”, lembra o sócio da Moraes Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados (MLGTS), sociedade de advogados portuguesa que brilha entre as gigantes internacionais em 2017. “Alguma alteração adversa no país e eles saltavam fora do negócio”, recorda.

Hoje em dia, quem chega aos escritórios desta sociedade de advogados na Rua Castilho, em Lisboa, assume já outra abordagem. “Não sendo incomum este tipo de cláusulas, estes mecanismos de salvaguarda já não são sequer colocados em cima da mesa”, diz Eduardo Paulino.

É o reflexo de um maior otimismo entre os investidores em relação a Portugal. Depois dos anos da crise terem provocado desconfiança lá fora e menos negócios cá dentro, a atividade de M&A (sigla inglesa para fusões e aquisições) está a dar motivos para sorrir às firmas de advogados portuguesas este ano.

Dados até outubro indicam que o mercado de M&A em Portugal vai a caminho do melhor ano desde que a PT Portugal foi comprada pela Altice e a PT SGPS entrou na brasileira Oi, em 2014.

Faltando ainda um mês para o fim de 2017, operações de M&A envolvendo Portugal ascendiam a 6,6 mil milhões de euros até outubro, um aumento de 30% face ao mesmo período do ano passado, segundo

1. Eduardo Paulino - Sócio da MLGTS. Integra a equipa de comercial e societário e mercado de capitais. 2. Francisco Xavier de Almeida - Sócio da CMS Rui Pena & Arnaut do departamento de M&A. 3. Mário Lino Dias - Sócio de Corporate M&A. 4. Jorge Bleck - Sócio da Vieira de Almeida & Associados - M&A, Corporate Finance. 5. Marcos Sousa Monteiro - Head of Corporate Finance, da Linklaters. 6. Diogo Horta Osório - Sócio da Cuatrecasas do departamento de M&A.

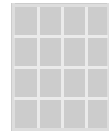
1.



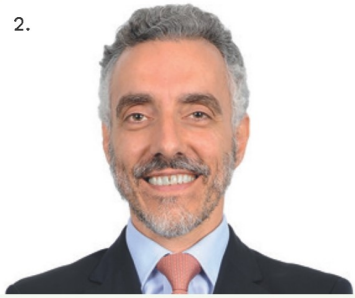
a consultora Dealogic.

Ainda que a venda do Novo Banco -- assessorada pela Vieira de Almeida & Associados do lado do Banco de Portugal e pela Weil Gotshal & Manges do lado do Lone Star -- tenha sido a operação mais badalada nos jornais, é a EDP quem mais tem animado a atividade de M&A ao longo do ano. A elétrica lidera o ranking dos negócios mais valiosos em 2017 com a alienação da Naturgas em Espanha por mais de 2.500 milhões.

Esta operação permitiu que sociedades como a King & Wood Mallesons, Linklaters, White & Case e Latham Watkins fossem catapultadas para o topo do ranking de sociedades de advogados com maior envolvimento em operações de M&A em Portugal por volume, de acordo com a Mergermarket.



2.



3.



4.



RANKING POR NÚMERO DE NEGÓCIOS

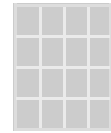
Sociedade	Valor (milhões de euros)	Negócios
1 Linklaters	2597	8
2 Garrigues	808	8
3 Cuatrecasas	555	8
4 MLGTS	1572	7
5 Uría Menéndez	972	7
6 PLMJ	53	6
7 Vieira de Almeida	1300	5
8 CMS	70	4
9 Raposo Bernardo	36	4
10 King & Wood Mallesons	2971	3

Fonte: Mergermarket

6.



5.



BANCA PORTUGUESA JÁ FINANCIADA

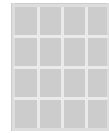
Na MLGTS, o aumento do negócio tem sido evidente. Os números não desmentem Eduardo Paulino. A firma destaca-se no ranking tanto em termos de volume (1.572 milhões de euros) como em número de operações (sete). “Felizmente, temos merecido a confiança dos nossos clientes”, diz o advogado. Não é só a relação com os investidores que justifica o fulgor do M&A nacional.

Francisco Brito e Abreu, sócio da Úria Menéndez-Proença de Carvalho, que esteve a assessorar a compra da EDP Gás pela REN (530 milhões) e está ainda envolvida na compra da TVI pela Media Capital (440 milhões), salienta que a estabilidade governativa e económica trouxe consigo um perfil de investidores mais institucionais. Isto depois de a crise ter colocado o país no radar dos fundos mais oportunistas. “Temos hoje em dia estes e os outros in-



1. Francisco Brito e Abreu - Sócio da Úria Menéndez - Proença de Carvalho, do departamento de M&A. 2. Equipa de M&A da PLMJ.





PAULA NUNES

1. Venda do Novo Banco assessorada pela Vieira de Almeida & Associados do lado do Banco de Portugal.

vestidores a coabitar no mesmo mercado, dando maior expressão à atividade de M&A”, frisa o sócio da Uría Menéndez – Proença de Carvalho.

O ambiente favorável aos negócios está inclusivamente a chamar a atenção dos bancos nacionais, eles que estiveram arredados destas operações de fusões e aquisições nos últimos anos, nota o advogado. “Finalmente a própria banca portuguesa mostra disponibilidade para financiar e emprestar, coisa rara até há bem pouco tempo.”

UM BOM ANO NOVO

2017 ainda não terminou e na Cuatrecasas aponta-se para um último trimestre bastante ativo em termos de M&A. Pelas mãos da equipa liderada por Diogo Horta Osório passaram oito negócios até ao momento (incluindo a venda da Lesternergia à Saeta Yield por 186 milhões). Mas até ao soar das 12 badaladas deverão passar mais operações pelos escritórios da firma, o que permitirá cimentar a liderança no ranking de número de operações. “O último trimestre é sempre mais expressivo e mais importante para a atividade de

M&A”, vaticina Horta Osório.

Sinal de um bom ano novo? “Estou particularmente otimista para 2018”, diz o partner da Cuatrecasas. Lembra que há setores mais quentes do que outros: “Imobiliário, ativos turísticos são claramente targets para operações de M&A.”

Estas expectativas positivas são partilhadas pela MLGTS e Uría Menéndez. “Vemos algum pipeline de transações importantes”, confia Eduardo Paulino. “Tem sido um bom ano em termos de M&A e a perspectiva continue animado em 2018”, antevê Francisco Brito e Abreu.

IMOBILIÁRIO AGITA MERCADO. E NÃO É SÓ TURISMO

Centros comerciais, hotéis, escritórios e habitação... se o mercado de M&A em Portugal se encontra em boa forma, grande parte deste bom momento deve-se ao setor imobiliário, reconhece Diogo Horta Osório, da Cuatrecasas.

“Os investidores vêm do mercado turístico e hoteleiro a crescer bastante. Esta tendência vai continuar. Mas não é apenas o turismo que está a puxar pelo setor imobiliário”, explica o advogado. “Shopping centers, plataformas de distribuição e retail, edifícios para escritórios, tudo isto são ativos que vão continuar a ter muita procura”, diz.

Na MLGTS e Uría Menéndez-Proença de Carvalho, a expectativa é a mesma: o imobiliário vai continuar a puxar pelo mercado de M&A em 2018.

Isto depois de algumas operações de grande envergadura financeira concretizadas este ano, como a venda do portefólio de ativos do fundo americano Blackstone, que inclui os centros comerciais Forum Montijo e Almada Forum, numa operação avaliada em mais de 750 milhões. Ou a venda da sede do Novo Banco no Marquês de Pombal, em Lisboa, 60 milhões.

Nesta exuberância do setor imobiliário, Francisco Brito e Abreu observa uma dupla vertente sobretudo nos grandes centros urbanos: uma vertente de reabilitação, com a intensificação da atividade turística e impulsionada por expatriados e estrangeiros que querem viver no país; outra vertente ligada a ativos mais maduros, como edifícios ou conjunto de edifícios já arrendados, com os investidores à procura de rentabilidades.

“E a verdade é que tem aparecido ativos interessantes em Portugal”, diz o advogado da Uría Menéndez-Proença de Carvalho.